

**A CIÊNCIA DA SEXUALIDADE
E A CURIOSIDADE DE CRIANÇAS PÚBERES:
reflexões acerca de uma aula sobre o sistema reprodutor**

***THE SCIENCE OF SEXUALITY
AND CURIOSITY OF PUBERTAL CHILDREN:
reflections about a lesson on the reproductive system***

Cassianne Campos*

Resumo

Em uma aula de Ciências sobre o sistema reprodutor, crianças púberes mostram-se curiosas acerca de vários aspectos da sexualidade. As professoras que regiam a aula, ocupadas em ensinar sobre o sistema reprodutor, reforçavam aspectos científicos da reprodução. Este artigo é fruto das possibilidades analíticas que surgiram a partir dos diálogos entre as professoras e as crianças durante a referida aula. Desse modo, o artigo destaca o que as crianças sabem e o que querem saber sobre sexualidade e como o conhecimento científico a respeito do sexo – genitália e cópula – funde-se a uma moralidade sexual diferenciada e desigual segundo o gênero.

Palavras-chave: Sexualidade. Crianças. Aprendizagem e conhecimento científico.

Abstract

During a biology lesson on the reproductive system, pubescent children showed curiosity about several aspects of sexuality. The teachers who taught the lesson, occupied in teaching about the reproductive system, reinforced scientific aspects of reproduction. This article is the result of analytical possibilities that emerged from the dialogues between teachers and children during that class. Thus, the article highlights what children know and what they want to know about sexuality, and highlights how scientific knowledge about sex - intercourse and genitalia - merges with a differentiated and unequal sexual morality according to gender.

Keywords: Sexuality. Children. Learning and scientific knowledge.

* Mestre em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (UnB) e Professora pesquisadora do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB/Capes) no polo da Universidade Estadual de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. E-mail: cassianne@gmail.com

Introdução

As crianças, ordinariamente, aprendem sobre os mais variados aspectos da vida social. Elas aprendem de diferentes maneiras, através de diferentes fontes de informação e dos diálogos entre pares. As pesquisas cotidianas das crianças, motivadas por suas curiosidades e experiências, movimentam a engrenagem de suas buscas por conhecimento. O mesmo se passa quando o foco da curiosidade é a sexualidade.

Visando observar e compreender o movimento dessa engrenagem, iniciei uma etnografia em uma escola de Ensino Fundamental de um bairro situado no Plano Piloto de Brasília – DF, que atende, principalmente, pessoas que moram nas proximidades da escola – a escola atende aproximadamente seiscentas crianças e adolescentes. A pesquisa foi realizada durante dois meses, no ano de 2013, com professoras e crianças das três turmas do 5º ano do Ensino Fundamental da referida escola. Cada turma possuía em média vinte crianças com idade entre 10 e 12 anos – isto é, eram turmas com crianças que estavam na puberdade (púberes), e contava com uma professora, totalizando três que aqui serão chamadas de Flora, Marina e Sofia.

O objetivo deste artigo é apresentar reflexões sobre diálogos que aconteceram entre professoras e crianças púberes em uma aula de Ciências sobre o sistema reprodutor, nos 5º anos do Ensino Fundamental. Serão apresentados trechos do diário de campo que evidenciam o que as crianças sabiam e o que queriam saber sobre sexualidade. A aula de Ciências Naturais sobre o sistema reprodutor está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Brasil (PCN), e nessa ocasião que as crianças têm, pela primeira vez, uma aula sobre o sistema reprodutor. Durante a aula, é legítimo falar sobre sexo, ver os sexos (genitálias) estampados em um *banner* e expor as dúvidas sobre sexo.

Focalizar o período da pubescência, pelo qual essas crianças passavam, tem a ver com a compreensão de que as pessoas são afetadas pelo ciclo da vida, que é marcado por mudanças corporais. Nesse ciclo, os corpos são construídos continuamente. Na puberdade, os corpos, antes infantis, começam a comportar mudanças vinculadas à sexualidade. Não podemos negar o impacto que os corpos e suas marcas causam nas percepções pessoais. Entretanto, é relevante destacar que essas marcas biológicas são percebidas socialmente de formas variáveis, a depender da sociedade em foco¹. Na escola pesquisada, por exemplo, as professoras comumente afirmavam que no período da puberdade as crianças se tornavam mais curiosas sobre a sexualidade. Se as crianças pareciam estar mais propensas a perguntar, as professoras pareciam estar dispostas a responder. Nesse sentido, são as crianças e suas professoras as protagonistas deste artigo.

1 Textos clássicos da antropologia social trazem diferentes percepções que as sociedades são capazes de produzir a respeito dos corpos das pessoas, o gênero e a sexualidade. Entre esses textos, temos aqueles produzidos por Bateson (2006), Clastres (2014) e Strathern (2006).

A aula de sistema reprodutor e sua ciência

Quando cheguei à escola, com o objetivo de conhecer experiências vivenciadas por crianças e professoras que expressassem saberes e aprendizados acerca de gênero e sexualidade, não tardou para que professoras de diferentes turmas começassem a narrar histórias sobre as curiosidades das crianças acerca do sexo (genitália e cópula), que remetiam conseqüentemente a questões de gênero. Foram as mais variadas histórias: meninos que se desnudaram para mostrar a genitália um para o outro em sala de aula, perguntas sobre sexualidade como “Tia, eu sou virgem?” ou “Tia, é pecado se masturbar?” ou ainda se a menstruação era “sangue podre que saia da mulher”.

Ao responder as perguntas das crianças, as professoras o faziam da maneira mais *neutra* possível. Certa vez, a professora Marina me explicou que é preciso ter cuidado ao falar sobre qualquer assunto com as crianças na escola, pois tudo que elas escutam na escola, informam em casa. Por isso, o assunto não pode ser tratado de maneira vulgar. A saída encontrada pelas professoras é falar sobre os assuntos de maneira científica – para elas, é a ciência que garante a neutralidade – evitando, assim, divergências entre as pessoas responsáveis pelas crianças e as professoras. Essa era a preocupação das professoras Flora, Marina e Sofia para a aula de Ciências sobre sistema reprodutor: ensinar sobre reprodução/sexo de maneira neutra e sem vulgarizar o assunto.

Ao chegar à escola, já sabia da existência da aula de Ciências sobre o sistema reprodutor e que essa deveria ser ministrada nas turmas do 5º ano do Ensino Fundamental. Por isso, busquei conhecer as professoras dessas turmas e, por elas, fui recebida com muita prontidão e adquiri muito mais do que interlocutoras, mas colegas naquela pesquisa. Flora, Marina e Sofia realizavam um trabalho em conjunto, coordenando e padronizando as atividades em todas as três turmas. Era um trabalho colaborativo no qual fui acolhida.

Diante do meu interesse pela aula sobre o sistema reprodutor, elas buscavam saber quais eram minhas curiosidades de pesquisadora e em que elas poderiam me ajudar. Eu insistia em dizer que elas deveriam seguir seus próprios planos, como se eu não estivesse ali, mas eu estava, e era inevitável não me notar. Eu frequentava a escola duas vezes por semana, nos horários de planejamento das professoras, quando era possível estar com elas sem atrapalhar os horários de aula. E a minha presença como pesquisadora fez com que a aula sobre sistema reprodutor recebesse uma atenção específica.

Antes que a aula de Ciências sobre sistema reprodutor acontecesse, as professoras refletiram sobre diferentes alternativas para tornar a aula o mais científica possível. Inicialmente, pensaram na possibilidade de convidar uma pessoa profissional da saúde para falar sobre sexualidade. No entanto, descartaram essa possibilidade por considerar que talvez a pessoa não tivesse a didática necessária para ensinar crianças. Em seguida, resolveram criar o *envelope da dúvida* e, algumas semanas antes da aula, introduziram o assunto, e pediram às crianças que escrevessem em um papel, de maneira anônima, dúvidas sobre o sistema reprodutor.

Foram muitas as questões que surgiram. Desde “por que existe menstruação?” até “por que os homens têm pensamentos sexuais e vontades sexuais?”. Na verdade, o envelope da dúvida serviu como um levantamento prévio para as professoras e, conseqüentemente, para mim sobre o que nos aguardava no dia da aula.

Após esse levantamento prévio, as professoras resolveram realizar uma aula conjunta, como já haviam feito antes. Elas reuniriam as três turmas em uma só sala e, assim, poderiam ter o suporte uma da outra. Começaram o planejamento da aula em busca de um vídeo que pudesse ajudá-las a tornar a aula mais atrativa e dinâmica, já que com a junção das turmas o domínio de classe se torna uma tarefa desafiadora. Nessa busca, a professora Sofia encontrou duas teleaulas de Ciências destinadas ao Ensino Fundamental com o título “Perpetuando a Vida” (teleaulas nº 57 e nº 58), que fazem parte do material didático do Novo Telecurso². Cada vídeo tem em torno de dez minutos. As professoras optaram por iniciar a aula sobre sistema reprodutor com este material.

No dia da aula, a professora Flora chegou com dois *banners*, sendo que o *banner* (A) apresentava as mudanças nos corpos nus, masculino e feminino, em cinco períodos de idade – bebês, crianças, adolescentes, pessoas adultas e pessoas idosas; e o *banner* (B) apresentava o sistema reprodutor feminino e o sistema reprodutor masculino. Embora fosse um dia letivo como outro qualquer, naquele dia várias crianças se ausentaram, diminuindo consideravelmente o volume da turma. As ausências, acreditamos eu e as professoras, ocorreram por ter sido, aquela, uma semana com feriado prolongado.

O roteiro das teleaulas contava com um narrador – que, muitas vezes, aprofundava o assunto – e personagens femininos e masculinos que viviam e contavam uma história relacionada ao sistema reprodutor. A história era, basicamente, sobre a gravidez da mulher em um casal heterossexual. Depois do diagnóstico da gestação, as personagens iniciam uma incursão sobre os aparelhos reprodutores feminino e masculino. A ciência contida nas teleaulas era a mesma contida no livro didático de Ciências utilizado pelas crianças da escola em que foi realizada a etnografia. A única diferença que havia entre as teleaulas e o livro didático era que o último continha informações sobre fecundação de gêmeos, assunto que não foi tratado nas teleaulas, mas posteriormente pelas professoras.

A maneira como a fecundação foi explicada evidenciava não só as funções dos órgãos genitais da mulher e do homem, mas fazia com que tais funções transcendessem a materialidade anatômica e alcançassem o social. Nas informações disseminadas pelos vídeos, os corpos das mulheres mudavam para começar o processo de preparação para a reprodução. O ciclo reprodutivo iniciava-se nos corpos femininos. A cada novo ciclo, o óvulo aguardaria na trompa, pacientemente, a chegada do espermatozoide. Se o espermatozoide não vinha, o óvulo, frustrado, morria e as paredes do útero descamavam: menstruava-se. Para que o óvulo se

2 O telecurso é uma tecnologia educacional, reconhecida pelo Ministério da Educação, que oferece acesso à escolaridade básica, com realização da Fiesp/Sesi/Senai/IRS e da Fundação Roberto Marinho. As aulas citadas estão disponíveis em: <<http://www.telecurso.org.br/ciencias/>>.

encontrasse com o espermatozoide, a mulher deveria ser penetrada pelo homem, passiva. O homem, ativo, fecundaria a mulher. Ela, assim, engravidaria.

O conhecimento científico, égide do magistério, apresenta-se rígido, dogmático e, sobretudo, inquestionável. É assim, também, que a aula de Ciências se apresenta. No entanto, ao estranhar a ciência, especificamente o conhecimento científico referente aos sistemas reprodutores, serão apresentados questionamentos que pretendem flexibilizá-la, desvelar seu entendimento a partir de sua relatividade.

Como questionar a ciência inquestionável? Isabelle Stengers (2002), ao nos falar sobre verdades científicas, cientistas e política, provoca reflexões que conduzem ao entendimento de que essa ciência inquestionável não existe. Stengers (2002) explica que ao fazer sua ciência, o cientista não é somente produto de sua época, ele é ator. Isto é, o cientista não só é afetado pelo contexto social, como o afeta com suas ações. A autora continua sua explicação afirmando que

[...] se não se deve confiar, como havia afirmado Einstein, no que ele (o cientista) diz que faz, mas observar o que ele faz, isto não é absolutamente porque a invenção científica excederia as palavras, mas porque as palavras têm função estratégica que é necessário saber decifrar (STENGERS, 2002, p. 19).

A função estratégica de que nos fala Stengers diz respeito à função política da ciência. E no caso da ciência aplicada na aula sobre sistema reprodutor não é muito diferente. Se a ciência a ser desvelada é sobre a sexualidade, Thomas Laqueur (2001), em sua pesquisa sobre como as diferentes formas de pensar as diferenças entre os sexos tiveram muito pouco a ver com progressos científicos, faz alguns apontamentos a respeito. O autor conclui, ao analisar os processos históricos acerca da “invenção do sexo”, que era a ideologia que determinava como eram vistas as diferenças anatômicas entre o homem e a mulher, e qual destaque era dado a essas diferenças.

Além do mais, quando o objeto da ciência envolve a sexualidade, é possível perceber que a ciência autoriza os discursos moral e religioso que afetam, principalmente, os corpos de mulheres. Lia Machado (2010), ao analisar o discurso de uma pesquisadora contrária ao projeto de lei que visa legalizar a interrupção da gravidez, destaca que há uma simbiose entre os discursos religiosos e as narrativas genéticas. Se o discurso religioso foca a categoria religiosa da alma para justificar sua posição contrária à interrupção da gestação, pois se há fecundação há alma, o discurso científico (ciência genética) faz da presença do DNA o mesmo uso: o DNA é o vir a ser do ser vivo.

Desvelar as estratégias políticas ou ideológicas presentes no conhecimento científico é um desafio que algumas estudiosas feministas têm enfrentado com bastante fôlego. Em suas críticas à objetividade científica, Donna Haraway (1995) afirma que “o feminismo ama outra ciência: a ciência e a política da interpretação, da tradução, do gaguejar e do parcialmente compreendido” (HARAWAY, 1995, p. 31). O desafio de produzir textos com argumentos a favor do conhecimento situado e corporificado, como defendido por Haraway, pode ser superado quando buscamos localizar os saberes das pessoas a partir do que elas são, de suas relações, ou seja, a partir de suas experiências.

As formas como os discursos científicos foram repassados pelas professoras durante a aula de Ciências e a relação inevitável e constante desses discursos com as curiosidades das crianças possibilitaram reflexões acerca do aprendizado sobre sexualidade que ficarão mais claras a seguir.

O que as crianças sabiam e o que queriam saber

Após a apresentação dos vídeos, as três professoras conduziram um bate-papo com as crianças, para sanar as dúvidas sobre os assuntos tratados nas teleaulas e abordar outros não ditos, como a reprodução gemelar. A princípio, as crianças se mostraram resistentes em expor suas dúvidas, mas, diante da insistência da professora Flora, começaram a fazer perguntas.

Respondidas as perguntas iniciais, o silêncio voltou a pairar na sala de aula. A professora Sofia começou a responder uma dúvida que surgiu no envelope de dúvidas e que a havia preocupado, a saber: se era preciso ter relação sexual para menstruar. A professora explicara que não era necessário ter relações sexuais para menstruar. Estimulada pelo adendo da professora Sofia, a professora Flora reforçou a informação.

Professora Flora: – Vou explicar aqui, presta atenção. Quando a menina nasce, o corpo dela já vai sendo preparado para uma de suas principais funções: ser mãe. Se prepara para dar outra cria. É assim que a humanidade continua até hoje, por causa da capacidade de reprodução que nós temos. Então o que acontece é que o corpo vai se preparando até a idade correta para ter filhos. (A professora Flora abre o banner A). Igual você vê aqui (apontando o banner A), o corpo do bebê é muito diferente do corpo da adolescente, uma diferença clara são os seios. Por exemplo, um bebê, se não tiver um lacinho ou uma roupa azul ou rosinha, dá para saber se é homem ou mulher?

Crianças: – Não.

Professora Flora: – Pois é. Não dá para a gente identificar se olhar só a carinha, não dá para saber se é homem ou mulher. Vai modificar a medida que vai envelhecendo. O que é a menstruação? O corpo da garota vem se preparando. Está lá o útero, porque ela é menina. Por exemplo, o homossexual pode ter uma aparência todinha de mulher, tudo, seio perfeito, cintura perfeita, tudo perfeito, na aparência. Mas ele não vai ter isso aqui (apontando o útero no banner B), mas a mulher vai ter isso aqui: o útero, do aparelho reprodutor. O que acontece é que o aparelho vai amadurecendo e vai produzir óvulos, chega um momento que todo mês ele irá se preparar para uma gravidez. Aí o organismo da mulher vai esperar uma relação sexual e se o espermatozoide encontrar com o óvulo vai vir uma gravidez, mas se não houve relação sexual, não houve gravidez, esse bercinho que ficou aqui (apontando no banner B) preparado para receber o bebê se desmancha. Você pode perguntar: ‘professora, sai pedaço do útero?’ Não! O sangue que estava aqui preparando esse útero vai sair. Então não podemos dizer “A Flora está menstruada, então significa que ela teve uma relação sexual!” Não. Isso acontece naturalmente dentro do organismo. Certo?

Rodrigo: – Tia, eu tenho a idade que eu tenho, aí tem uma menina que mora lá perto

de casa, se nós dois tivermos relação sexual faz mal pra saúde? [1]

Professora Flora: – Não, querido. Não faz mal nenhum para saúde, mas só tem um problema...

Rodrigo: – Não, tia. Eu mesmo, na idade que eu tenho? (Rodrigo tinha 12 anos).

Professora Flora: – Não! Se sua dúvida é se por ter tido uma relação sexual vai ficar com uma doença no pênis ou a menina vai ficar com uma doença na vagina: não. Só se não usar camisinha. E se não usar pode acontecer também da menina engravidar.

Rodrigo: – Mas se eu usar preservativo?

Professora Flora: – Então não! Não tem nenhum problema.

Professora Marina: – Mas a gente tem que fazer as coisas no momento certo. Tudo na vida tem a hora certa.

Rodrigo: – Mas quando é o momento certo?

Professora Flora: – O momento certo, de preferência, é quando você tem mais idade. Quase uns 20. Porque, por exemplo, não é ideal uma garota começar a sua vida sexual aos 10 anos, garotas de 10 anos tem que estar brincando, tem que estar sonhando, tem que estar imaginando como são as coisas, não já estar fazendo. Para depois não aprender de uma maneira muito dolorosa o que é uma gravidez fora de época. Porque depois que o bebê já está ali é aquele ditado “chorar sobre o leite derramado”. Ou seja, achar ruim e reclamar depois que já aconteceu não adianta mais. Sem contar todo o desgaste físico que é, o corpo de uma garota de dez anos, ele não tem tamanho para comportar um bebê, o peso, imagina? Olha para as suas colegas de dez anos, imagina uma menina dessas com um bebê de três quilos dentro da barriga, mais o peso dos seios que crescem por causa do leite que está sendo produzido. Coitadinha! Até para conseguir carregar isso é sofrido. Imagina! A gente pode fazer um teste e amarrar um saco de arroz de cinco quilos na barriga e ficar o dia todo, fazendo tudo com aquele saco de arroz amarrado, aí você imagina.

Professora Sofia: – E para ter um filho a gente tem que ter maturidade. E vocês ainda estão novos, vocês estão começando a compreender isso agora, ainda tem muita coisa para aprender, tem que ter calma.

Fábio: – Mas tem uma menina aqui na vila que tem 13 anos e tem filho.

Professora Flora: – Eu sei, mas não é só ela que tem filho com essa idade. Mas isso não quer dizer que porque ela teve o filho que o corpo dela estava preparado.

Professora Marina: – Porque quando a gente tem filho os órgãos dentro da gente saem do lugar. Vocês não lembram que a gente estudou os outros órgãos. Por exemplo, os rins saem do lugar, o coração também e tudo lá dentro aperta, por isso que a gente está falando de sofrer. Você não vê que no final da gravidez a mulher fica andando meio assim (ela encenou uma maneira de caminhar arrastada), ou fica com falta de ar? Fica inchada. (Cassianne Campos, Transcrição de caderno de campo, 16/10/2013, grifo meu).

As professoras continuaram falando sobre a gravidez e o parto, e dos seus riscos. Falaram sobre a possibilidade do parto do prematuro, os riscos da cesariana, as dores do parto e os gastos com o bebê. Todas as características negativas da gestação, que atingem os corpos femininos, são reforçadas para fazer com que as crianças entendam que uma gestação nos corpos ainda infantis das meninas é algo

prejudicial. Em seguida, Fábio, que estava conversando paralelamente com Rodrigo e Douglas, fez uma nova pergunta.

Fábio: – O que é ejaculação?

Professora Flora: – É o líquido que sai do pênis do homem, é o esperma que ele solta dentro da mulher. Mas ele não ejacula só dentro da mulher, o homem pode ejacular em outros lugares, na privada, no potinho para fazer exame.

Fábio: – E quando a mulher fica excitada ela faz o que? [2]

Professora Flora: – Depende. Estar excitada é estar desejoso de uma relação sexual. Talvez você e o Rodrigo podem estar imaginando que ficar excitado é só ficar com o pênis ereto. Mas não...

Fábio: – Não! Não estou não...

Professora Flora: – ...Até porque a mulher fica excitada, mas não tem um pênis para ficar ereto.

Júnior: – Mas se uma mulher fica excitada ela fica como?

Professora Flora: – Depende. Ela pode ficar só pensando em sexo. Ela pode ficar arrepiada. Ela pode ficar suada.

(As meninas riem e cochicham umas com as outras).

Fábio: – Acontece isso quando as mulheres ficam excitadas, professora?

Professora Flora: – Pode acontecer. Mas ela pode ficar apenas com vontade de fazer sexo. É porque no homem é mais visível, não é? Um dos sinais do homem, bem visível, é o pênis ficar ereto. O corpo dele está dizendo que ele está desejoso de uma relação sexual.

Rodrigo: – Professora, a mulher também solta espermatozoide? [3]

(Algumas crianças fazem em coro um som de reprovação – dääããã...)

Professora Flora: – Nunca! Quem é que produz espermatozoides, gente?

Crianças: – Os homens.

Professora Flora: – Mulher tem isso? (Ela aponta os testículos no banner B).

Crianças: – Não.

Professora Flora: – Então mulher nunca vai ter espermatozoide.

Mariele: – Mas professora, se a mulher for homossexual ela tem espermatozoides. [4]

Professora Flora: – Gente, o que eu expliquei para vocês é que se um homem for homossexual ele vai parecer com uma mulher, mas não é mulher. Aqui no Brasil, tem um caso de uma mulher que foi considerada a mulher mais bonita do Brasil, a Roberta Close, mas ela não nasceu mulher, ela não tem útero. Você olha e vê uma mulher, mas não é uma mulher. Isso aqui (apontando a vulva no banner B) ela não tinha, ela tinha o de homem. Mas ela fez a cirurgia e tirou o pênis, como hoje em alguns países se faz, tirou o pênis e fez uma vagina. Mas o que é lá de dentro ela não vai ter, certo? O máximo que ela pode fazer é fazer uma cirurgia, não é feito em qualquer canto ou de qualquer jeito, tem um estudo psicológico, para que os médicos entendam que a alma da pessoa é feminina, que a mente e o emocional da pessoa realmente é de mulher, que por um acaso ela está em uma casca que é de homem, o corpo externo é de homem. Depois de fazer todo o estudo, essa pessoa vai retirar o pênis e será construída uma vagina. Ela vai ter uma relação sexual que o pênis vai entrar na vagina, como em qualquer mulher, mas ela não vai ter, internamente, nada de mulher. Certo? (Cassianne Campos, Transcrição de caderno de campo, 16/10/2013, grifo meu)

A professora Flora continuou reforçando as diferenças entre a genitália masculina e a genitália feminina. Houve um silêncio e ela perguntou: – *Gente, não ficou nenhuma dúvida, tem mais alguma coisa?* Fábio, Rodrigo e Douglas começaram, mais uma vez, um falatório e risos entre eles. A professora Sofia, que estava próxima, informou à professora Flora sobre o que falavam.

Professora Sofia: – Flora, eles estão falando sobre o líquido que sai da mulher.

Professora Flora: – Gente, o líquido que sai da mulher é uma lubrificação. É um líquido que sai para ajudar na penetração do pênis. Como eu já falei, não é uma ejaculação, é um líquido que lubrifica a mulher.

Fábio: – Mas ele falou que a mulher ejacula.

Rodrigo: – Mentira! Para, eu não falei nada...

(Os meninos começaram a discutir um com o outro)

Professora Flora: – Rodrigo, vamos combinar aqui. Não precisa dizer quem falou, é só falar assim “eu soube que...”. E aí pode falar. Estou te ouvindo.

Rodrigo: – É que uma pessoa viu em um vídeo que a mulher teve uma ejaculação. [5]

Professora Flora: – Por favor, não diga mais isso. As mulheres não soltam espermatozoides, pois mulheres não produzem espermatozoide. Mulher não produz, então não tem como ejacular.

(As crianças começaram a conversar todas juntas e não se ouvia mais nada)

Douglas: – Não, tia! É porque o vídeo tem uma mulher que... Tem um homem que está tendo relações sexuais com uma mulher e eles não estão usando camisinha, aí o homem está com o pênis dentro da vagina da mulher e assim, no lado assim, sai o líquido.

Professora Flora: – Ah! O Douglas explicou. Não é a mulher que ejacula, o que vocês viram foi a ejaculação masculina. Presta atenção! (A professora pegou um saquinho para dindin³, encheu de água) Dois corpos não ocupam o mesmo lugar, faz de conta que o saquinho é a vagina e a canetinha é o pênis, (ela enfiou uma caneta hidrocor dentro do saquinho e fez a água transbordar) foi isso que vocês viram. Pode acontecer? Pode. Essa situação é porque não tem camisinha, então ejaculou na vagina e vazou.

Rodrigo: – Tia, mas tem no vídeo que o homem tirou o pênis e o líquido saiu da mulher.

Professora Flora: – Mas é como eu falei, é o líquido do homem que estava dentro dela.

Rodrigo: – Mas saiu longe.

Professora Flora: – Bom, Rodrigo, eu não posso agora mudar a ciência e dizer que a mulher ejacula. O meu papel aqui é dizer o que eu sei e o que eu sei é isso. (Cassianne Campos, Transcrição de caderno de campo, 16/10/2013, grifo meu).

O assunto foi encerrado, e então surgiram as últimas perguntas.

Lucas: – Tia, eu queria fazer uma pergunta, mas não sei como falar.

Professora Flora: – Fale, eu te ajudo.

Lucas: – É porque as pessoas falam que se a gente ficar mexendo assim no pênis que nasce

3 Optei por utilizar o termo comum em Brasília - DF: dindin. Em outras regiões do País o dindin também é conhecido como chup-chup, sacolé, chupa-chupa ou geladinho.

cabelo na mão, é verdade?

Professora Flora: – Você fala sobre se masturbar. Não, não é verdade, não nascem pelos.

Lucas: – E menina também masturba? [6]

Professora Flora: - Sim.

Lucas: – Mas como, se ela não tem o reto? (Lucas fez um gesto com o indicador traçando uma linha de sua pélvis para frente, indicando o pênis).

Professora Flora: – Ela toca os órgãos sexuais dela, igual os homens tocam os deles. O que é a masturbação? Não é você mesmo dar a satisfação sexual para você? Então, é isso. Você, numa relação sexual, não vai ter sua satisfação sexual dentro da vagina da mulher? Mas na masturbação você vai ter satisfação com sua mão. A mesma coisa a mulher, a satisfação sexual da mulher não é com o pênis do homem? Então ela pode se masturbar com os dedos.

Júnior: – Ou então com um pênis de borracha.

(As crianças riram)

Professora Flora: - Também. (Cassianne Campos, Transcrição de caderno de campo, 16/10/2013, grifo meu).

Foram destacados, durante a narrativa acima, seis pontos – principalmente indagações – colocados pelas crianças, durante a aula. Esses apontamentos são o cerne das considerações sobre o que sabiam e o que queriam saber as crianças no que se refere à sexualidade, apresentadas a seguir.

O que aprender com os apontamentos das crianças?

As colocações das crianças têm muito a dizer sobre como a sexualidade é aprendida em diferentes espaços. A aula de Ciências sobre o sistema reprodutor trouxe à tona o interesse das crianças em saber mais sobre sexo-prazer, conhecimento este que elas já possuíam em alguma medida, possivelmente através de informações compartilhadas em espaços que não o espaço formal da sala de aula. Os acontecimentos e as reverberações dos mesmos, ocorridos durante o trabalho de campo, possibilitaram compreender o aprendizado das crianças sobre sexualidade – e também sobre gênero –, sobretudo a partir da separação entre sexo-prazer e sexo-reprodução, e entre o saber empírico e o saber científico.

Sexo-prazer e sexo-reprodução

Como pontuado acima, as professoras consideravam pertinente responder às perguntas da maneira mais neutra possível – usando a ciência – e, ainda, ficavam atentas para não tornar o assunto vulgar. De acordo com Guacira Lopes Louro (2000), esse tipo de preocupação se dá porque, muitas vezes, as professoras consideram que falar sobre sexualidade – principalmente sobre prazer sexual – pode ser percebido como incitação das crianças ao ato. Ao falarem sobre iniciação

sexual, as professoras não puderam responder para Rodrigo – apontamento [1] – que ele não pode, aos doze anos de idade, ter relações sexuais, mas não se furtaram em reforçar os efeitos negativos (para aquele período de idade) que uma relação sexual tem. Embora tenham explicado os perigos das doenças sexualmente transmissíveis, o risco potencial destacado pelas professoras foi a gravidez precoce.

As explicações das professoras apontam para uma perspectiva recorrente nos estudos de gênero: o legado da reprodução sobre os corpos femininos. Não há dores e nem aspectos negativos, punições, sobre os corpos masculinos. O fardo é carregado pela mulher e não compartilhado com o homem. O homem é sensibilizado pela dor do fardo feminino e, através dessa sensibilização com a mulher-vítima, ele pode escolher fazer diferente. A propagação desse discurso da gravidez como um fardo que *tem* que ser carregado pela menina apresenta um desafio para a luta feminista pelos direitos reprodutivos, pois invisibiliza os direitos das mulheres em regular sua própria sexualidade e capacidade reprodutiva, e debilita a reflexão dos meninos sobre as responsabilidades pelas consequências do exercício de sua própria sexualidade.

Outro fator apontado como justificativa para a postergação da iniciação sexual é que “tudo na vida tem a hora certa”, como disse a professora Marina. As crianças são lembradas de que elas ainda estão começando a conhecer os seus próprios corpos e que, com o passar do tempo, elas irão adquirir maior compreensão sobre os referidos aspectos da vida. E, embora a professora Flora tenha exaltado a capacidade de gerar do corpo feminino, dizendo que ser mãe é uma das principais funções das mulheres e que o corpo da menina vai se preparando para a maternidade, ela não deixa de destacar que essa preparação se desenvolve até que o corpo alcance a “idade correta para ter filhos”.

Se a iniciação sexual parece estar interdita por hora, por causa, principalmente, do risco da reprodução, o sexo-prazer ainda poderá ser desfrutado através da excitação sexual e da masturbação – apontamentos [2] e [6]. A curiosidade dos meninos que fizeram tais apontamentos recai sobre os corpos das meninas, parece que a excitação e a masturbação localizados na genitália masculina já estão bastante evidentes para eles.

O vídeo da teleaula já havia informado sobre a excitação da mulher, nele foi dito que “durante a excitação sexual o clitóris ganha sangue e fica avermelhado, aumenta de tamanho e provoca a sensação de prazer”. Mesmo assim, os meninos continuaram com dúvidas sobre a excitação sexual e a masturbação femininas.

Entretanto, ao explicar quais são os efeitos aparentes da excitação feminina, para assim criar um paralelo com a excitação masculina, manifestada na ereção do pênis, a professora Flora focalizou os aspectos visíveis da excitação, como manifestações em sua pele – “pode ficar arrepiada, pode ficar suada”. Se a excitação sexual feminina em sua genitália não pode ser vista, parece não haver justificativa para reforçar suas características, o clitóris parece ter sido esquecido, já que não desempenha função reprodutiva, mas de prazer sexual.

Ao falar sobre o clitóris, Laqueur (2001) expõe a trajetória desse órgão dentro do discurso científico. O clitóris passa do *status* de inexistente para, no século XVIII, através dos estudos de Albrecht Von Haller, existir como fonte de prazer essencial à reprodução. Nos estudos de Von Haller, explica Laqueur, a ereção do clitóris

como intensificador do prazer ganha destaque no processo da fecundação, já que o prazer sexual proporcionado pelo clitóris aumentaria o fluxo sanguíneo em todo o sistema genital da mulher, auxiliando na reprodução. Hoje, o clitóris é compreendido como um pequeno órgão do sistema sexual feminino, com finalidade única de proporcionar prazer. Todavia, ele é deixado à margem da discussão em sala de aula, afinal o foco está na reprodução em si. E, embora o fim último da relação sexual que fecunda depende do orgasmo/prazer do homem, o mesmo não se evidencia como necessário para a mulher.

A mulher é, no processo reprodutivo, a dona do “bercinho” que carregará o embrião recém-fecundado e que a tornará mãe. O aprendizado científico sobre sistema reprodutivo é permeado pelo aprendizado de moralidades diferenciadas em relação ao sexo-prazer. As percepções acerca do sexo/genitália refletem valores morais que incidem sobre as pessoas marcando as diferenças de gênero. Os paralelos entre genitália e gênero parecem informar que a genitália do homem, tal qual ele deve ser, é externa, facilmente vista, ativa e pública. Em contrapartida, a genitália da mulher, também tal qual ela deve ser, é interna, escondida, passiva e privada.

Ademais, se a excitação genital da mulher é invisibilizada, ela não escapa da curiosidade dos meninos sobre onde se materializa a masturbação da mulher. Ao responder sobre a masturbação da mulher, a professora Flora informa que, ao se masturbar, as meninas, assim como os meninos, também tocam suas genitálias. E ainda que não se focalize o sexo-prazer, declara-se que a masturbação e o prazer sexual femininos existem.

As curiosidades das crianças acerca do sexo-prazer e a preponderância do ensino do sexo-reprodução remetem a um apontamento da feminista Bell Hooks (1999, p. 115, grifo meu):

Nós, professoras e professores, raramente falamos do prazer de eros ou do erótico em nossas salas de aula. Treinadas no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitas de nós aceitamos a noção de que há uma separação entre o corpo e a mente. Ao acreditar nisso, os indivíduos entram na sala de aula para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. **Chamar atenção para o corpo é traír o legado de repressão e de negação que nos tem sido passado por nossos antecessores na profissão docente, os quais têm sido, geralmente, brancos e homens.**

Enquanto as professoras buscam ensinar sobre sexo-reprodução, as crianças parecem fazer com que o sexo-prazer roube a cena. Focalizar sexo-reprodução ao ensinar sobre sexualidade possibilita conjugar ciência e moralização dos corpos púberes das crianças. Isso fica bastante claro quando a maneira encontrada para coibir a temida iniciação sexual precoce é informar as crianças sobre os malefícios da gravidez sobre os corpos femininos, enfatizando a violência que essa situação causará. Tal como afirmado por Louro (2000, p. 55), “a sexualidade que ‘entra’ na escola parece estar sitiada pela doença, pela violência e pela morte. São evidentes as dificuldades de educadoras e educadores, mães e pais, em associar a sexualidade ao prazer e à vida”.

Se as professoras buscavam ensinar sobre a função reprodutora dos órgãos

genitais, as crianças buscavam saber como é possível sentir prazer através desses mesmos órgãos. O processo vivido pelas crianças e suas professoras durante a aula sobre sistema reprodutor, marca o distanciamento entre sexo-prazer e sexo-reprodução quando se trata de ensinar esse assunto às crianças em instituições comprometidas com o conhecimento científico, como a escola.

Saber empírico versus saber científico sobre sexualidade

Se a aula de Ciências sobre o sistema reprodutor é a primeira que as crianças têm sobre sexo – genitália e cópula – na escola, isso não quer dizer que esta seja a primeira lição de suas vidas acerca desse assunto. Através de suas pesquisas cotidianas e da circulação de saberes entre elas, as crianças aprendem, mesmo antes da referida aula, sobre sexualidade. Os apontamentos [3] e [5] nos informam sobre essa busca dos meninos de conhecer o sexo. Os diálogos expostos em torno dos referidos apontamentos parecem indicar que alguém teve contato com um vídeo pornográfico e/ou de curiosidade e divulgação de conhecimento científico sobre sexo, que informa que mulheres ejaculam – confundido com soltar espermatozoides, o que é compreensível, já que um pouco antes de falarem sobre a ejaculação de mulheres, a ejaculação havia sido explicada como o ato de liberar o esperma. A professora Flora estava segura de que aquilo não era possível⁴, mas o que provavelmente sabiam as crianças? María Elvira Díaz-Benítez (2010) traz em seu texto elementos que nos possibilitam repensar a existência da ejaculação feminina. A antropóloga realizou uma pesquisa a respeito dos bastidores dos filmes pornográficos brasileiros. Em seu livro, Díaz-Benítez (2010) afirma ter presenciado, em campo, a ejaculação feminina de uma atriz e conversou com o diretor do filme sobre o ocorrido. O diretor informou que a ejaculação feminina é rara, mas existe, embora as atrizes se envergonhem dessa capacidade de seus corpos. O diretor explica a ejaculação feminina para Díaz-Benítez (2010) caracterizando-a como a produção de maior líquido lubrificante durante o orgasmo feminino. No entanto, o diretor não fala sobre a ejaculação feminina “sair longe”, como afirmou Rodrigo.

Considero que o vídeo que foi visto por Rodrigo apresentava um *squirting*. Estudos médicos⁵ recentes sobre essas práticas femininas fazem uma diferenciação entre a ejaculação feminina e o *squirting*. De acordo com a ciência, a ejaculação feminina seria a liberação de um fluido muito escasso, grosso e esbranquiçado da próstata feminina e o *squirting* (em português, esguichar) seria a expulsão de um fluido diluído da bexiga urinária. Provavelmente, Rodrigo, Fábio e Douglas estavam falando sobre este último, quando questionavam sobre o líquido que saía da mulher após a

4 Assim como a professora Flora, eu também não tinha conhecimento sobre as perspectivas científicas acerca da ejaculação feminina e do *squirting*. Contudo, busquei, depois daquela aula, informações para tentar compreender do que falavam os três meninos: Rodrigo, Fábio e Douglas.

5 Ver, como exemplo, o artigo de Aberto Rubio-Casillas e Emmanuele Jannini intitulado “New insights from one case of female ejaculation” publicado em 2011 no *The journal of sexual medicine*.

relação sexual. Contudo, a professora pôde dizer somente o que sabia, de acordo com a conceituação de ejaculação como produção de esperma. De outro lado, toda a recente insistência sobre a existência da ejaculação feminina, combinada ou não com *squirting*, e a curiosidade que suscita, parece apontar que o orgasmo feminino somente alcançaria o mesmo *status* do orgasmo masculino se houvesse ejaculação. Mas há uma simultânea e diferente interpretação: a de que as fronteiras entre as diferenças de prazer atribuídas ao sexo masculino e feminino estão diminuindo.

A pergunta de Rodrigo sobre se homem e mulher têm ejaculação aponta que há, por parte de um menino curioso e desejoso de saber, um entendimento prévio não explícito de que homens e mulheres podem ter sexo-prazer. Assim, se toda a orientação da aula é ensinar a diferença do aparelho reprodutor masculino e do aparelho reprodutor feminino como fatos naturais e universais, com correspondentes diferenças de gênero naturalizadas porque derivadas das diferenças de sexo, as perguntas das crianças púberes apontam para a receptividade destas para pensar gêneros relacionados a sexos-prazeres não tão demarcados.

Outro ponto relevante a se considerar sobre o saber empírico acerca da sexualidade é a compreensão de Mariele – apontamento [4] –, que nos diz que “se a mulher for homossexual ela tem espermatozoides”. Trazendo a possibilidade negada pela professora Flora de que mulheres produzam espermatozoides e ejaculem. A professora Sofia havia me explicado que Mariele tem um irmão travesti que quer mudar de sexo. A afirmativa de Mariele me parece dizer que ela entende que ser mulher não está condicionado à genitália. Embora seu irmão tenha nascido com genitália masculina, Mariele parece considerá-lo uma mulher, ainda que com órgãos genitais masculinos. Butler (2008) nos fala sobre isso quando aponta que é o gênero que define o sexo. Se uma pessoa em corpo de homem se sente uma mulher, ela será uma mulher. As compreensões e saberes das crianças a respeito da sexualidade não se restringem ao conhecimento teórico-científico que lhes são ensinados no contexto escolar, como: “mulheres não produzem espermatozoides”. As experiências das crianças acerca de gênero, sexo – genitália e cópula – e seus corpos são afetadas pelas suas relações sociais. Assim, a relação de Mariele com a irmã (se considerado seu ponto de vista) fez com que ela compreendesse que “ele” é mulher. Para ela, a irmã é mulher homossexual com produção de espermatozoides. Há, assim, uma abertura para o entendimento da proliferação de gêneros e formas de sexualidade para além da dualidade fixa entre sexo/gênero masculino *versus* sexo/gênero feminino.

Considerações sobre experiências

Foram as afirmações e as perguntas das crianças que conduziram este texto. Muitas vezes, tais afirmações e perguntas são consideradas ingênuas ou mal-intencionadas – já que podem parecer provocações às pessoas adultas. Contudo, ingênuos ou mal-intencionados somos nós, pesquisadores e pesquisadoras, quando consideramos que uma criança nada pode nos dizer sobre relevantes categorias da vida social. A ciência das crianças é feita em movimento, através de experimentações contínuas.

Os saberes empíricos das crianças sobre sexualidade podem partir de várias fontes, desde a observação do que acontece em um vídeo erótico, assistido em segredo na internet, ou por experiências diárias com familiares. A aula sobre o sistema reprodutor é apenas mais um lugar para saber sobre sexo e para sanar dúvidas, pois as crianças se informam sobre sexo em diferentes lugares. Elas observam, ouvem o que as pessoas dizem e buscam compreender as informações que receberam por meio delas. E, nesse processo de aprender, elas compartilham saberes, aprendem entre seus pares.

Lançar luz sobre as perguntas e apontamentos das crianças é uma maneira de evidenciar o que elas sabem e fazer com que seu processo de aprendizagem seja compreendido como resultado da pesquisa cotidiana que fazem e das relações estabelecidas com outras pessoas. Se as crianças perguntam, elas criam os seus próprios saberes.

Nesse emaranhado entre o conhecimento científico e seus saberes cotidianos, as crianças aprendem não apenas sobre determinado assunto, como o sexo, mas aprendem a compartilhar conhecimento adquirido. Se, por um lado, o conhecimento científico sobre sexo inventa e naturaliza a ideia de um sexo marcado e produtor de sexualidades e de gêneros dicotômicos, que funda uma moralidade sexual diferenciada e desigual segundo o gênero, por outro, as experiências das crianças, transformadas em conhecimento empírico, evidenciam formas outras de pensar e vivenciar as noções de sexo e gênero.

O que as crianças saberão sobre sexualidade não se esgotou naquela aula, surgirão novas questões e elas continuarão a procurar novas fontes para respondê-las. A aprendizagem sobre sexualidade se dará continuamente, entre saberes compartilhados e dúvidas cotidianas, no entranhado das relações sociais, afetivas e emocionais e nos modos como vivenciam e vivenciarão o entendimento acerca do sexo como reprodução, prazer e/ou sentimento.

Referências

- BATESON, Gregory. **Naven**: um esboço dos problemas sugeridos por um retrato compósito, realizado a partir de três perspectivas, da cultura de uma tribo da Nova Guiné. São Paulo: Edusp, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CLASTRES, Pierre. O Arco e o cesto. In: **A sociedade contra o Estado**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 119-144.
- DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. **Nas redes do sexo**: os bastidores do pornô brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- HARAWAY, Donna. **Saberes localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995.
- HOOKS, Bell. Eros, Erotismo e o Processo Pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto, 2000.

MACHADO, Lia Zanotta. **Feminismo em movimento**. São Paulo: Francis, 2010.

RUBIO-CASILLAS, Alberto; JANNINI, Emmanuele A. New insights from one case of female ejaculation.

The journal of sexual medicine, v. 8, n. 12, p. 3500-3504, 2011.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das ciências modernas**. Trad. Max Altman. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2002.

STRATHERN, Marilyn. **O Gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006.

Recebido em 16/06/2015

Aceito em 03/11/2015